



## 1.12 • Conjuntura internacional

### Integração na América do Sul: o Mercosul ainda tem futuro?

José Flávio Sombra Saraiva

O BALANÇO DO TRIÂNGULO MERIDIONAL das Américas, relativo ao ano de 2013, é o da quadra difícil, tanto na economia quanto no repertório da democracia. A economia sul-americana tem demonstrado menos musculação desde a crise dos preços dos produtos de exportação na base das *commodities*. A região seguiu, no entanto, na maioria dos países, os programas de inserção social.

Os governos da primeira década do século XXI e início da segunda sustentaram suas bases políticas nos setores da inclusão social. Tornaram-se reféns e promotores de um capitalismo preguiçoso, socialmente sustentado por bolsas e ajudas, sem objetiva contrapartida dos usuários das novas políticas sociais.

O desenho do quadro econômico, ao fim de 2013, é bastante contraditório. Píffo foi o crescimento no Brasil em 2012 e 2013. O financiamento infraestrutural caduca, mas o consumo se expande de forma exponencial. A moeda padece e a inflação segue com vontade de robustecer. Por outro lado, reconhece-se o avanço da renda média, que já chega, em países como o Brasil, ao valor de US\$ 10.000 per capita ao ano. Houve elevação da renda média na América do Sul, mas as diferenças entre ricos e pobres aumenta, como demonstra a desigualdade chilena, extraordinária e inadmissível, em uma das sociedades mais avançadas da América do Sul. Foi esse um dos debates, em novembro de 2013, no contexto da eleição presidencial do Chile.

Na maioria dos Estados sul-americanos, o ano de 2013 anunciou a ampliação da dominação burocrática sobre as políticas públicas. A burocracia é funcional aos pactos de poder e às novas formas de cooptação, particularmente pela busca de elevar-se socialmente no Estado. Há uma nova classe burocrática já criada, nesses mais de dez anos de experiência do modelo. Seu centro é um exército de parasitas, animados pelos concursos públicos, à busca da facilidade do acesso ao Estado.

A ampliação da corrupção endêmica permeia grande parte das relações entre as classes governantes e tais burocracias, como se observa no caso brasileiro. O final do ano de 2013 caracterizou-se, à semelhança de uma tradicional novela brasileira na TV, pelo entrar e sair dos presídios de criminosos. Eram os empresários, parlamentares e homens de governo e portadores de cargos de confiança do Estado burocrático.

Os casos extremos estão na Venezuela e na Bolívia, mas também na Argentina. Estados centralizados e personalistas roubaram os sonhos dos que desejavam uma saída à fraqueza do Estado nas décadas neoliberais. Já não se distinguem tanto as diferenças entre as garras dos liberais

dos anos 1990 e os novos governantes do autotônismo sul-americano. No Brasil, modelos diferentes com resultados píffos foram implementados nas duas décadas. O dos anos 1990 resolveu questões fiscais, monetárias e inflacionárias. E o de 2002 a 2012 encetou continuidade econômica do anterior, com certa ênfase à inclusão social sem educação, mas com criação de clientela política na lógica da pobreza mitigada.

A Argentina é um caso emblemático do personalismo político. A Venezuela desaparece do mapa gradualmente. O presidente Maduro invocou até o direito divino de Deus de criar o Natal em outubro. Esse, sim, é o exemplo maior do realismo mágico da América do Sul.

A economia é peça crucial para o declínio relativo da América do Sul no sistema internacional no ano de 2013. Ela recuou em seu ímpeto de crescimento e capacidade de avançar um projeto industrialista, de integração competitiva nas cadeias produtivas globais. A integração também mostra dificuldades de avançar. Há inúmeras iniciativas concomitantes de integração que não se falam entre si, emaranhadas na pouca razão prática e de projetos sem carteiras e recursos para avançar a infraestrutura necessária a processo sério de integração regional.

“  
[...] 2013 pode ser visto como rito de passagem da adolescência do Cone Sul para sua vida adulta.”

Ainda há alguma esperança no Mercosul, apesar das barreiras e dificuldades impostas por protecionismos como os da Argentina contra o Brasil. Aos 22 anos do Tratado de Assunção, o ano de 2013 pode ser visto como rito de passagem da adolescência do Cone Sul para sua vida adulta. O Mercosul acumula êxitos, mas também anota frustrações nas duas décadas de existência.

A opinião pública, na América do Sul, se divide acerca dos avanços da integração platina, que incluiu a Venezuela no ano de 2012. Os otimistas defendem o Mercosul por ser a mais vigorosa e realista experiência de integração econômica e de concertação política na América Latina. Seu nascimento teria sido uma boa saída sub-regional contra a Alca dos anos 1990 e uma experiência alternativa à área de livre comércio como aquela que amarrou o México aos Estados Unidos. Esse é o mantra que ainda move a diplomacia argentino-brasileira para justificar, no ano de 2013, as razões pelas quais

essa relação estratégica segue o eixo da integração mercosulina.

Os pessimistas, por outro lado, anotam paixões ideológicas que sacrificam a estabilidade jurídica da integração do sul da América do Sul, como demonstraria a crise recente da inclusão da Venezuela, sem a devida aprovação pelo parlamento paraguaio. Outros lembram a dificuldade de construção de cadeias produtivas e alinhamentos empresariais entre os sócios do Mercosul. Criticam a falha na forja do projeto de desenvolvimento na região de forma inclusiva, mesmo das regiões periféricas, ao projeto do mercado comum.

A quadra difícil desses dias, quando o protecionismo intrabloco torna difícil a passagem de uma mera união aduaneira na direção de um mercado comum, expressa a natureza contraditória do Mercosul. O balanço das duas décadas acumula conta positiva na comércio intrabloco, que seguiu importante para o Brasil no ano de 2013, embora não se possa afirmar que haverá soluções plausíveis aos novos desafios.

#### Objetivos alcançados

O que fica do Mercosul dos 22 anos de idade? Em primeiro lugar, seu impacto pedagógico no campo psicossocial. O Mercosul segue sua dimensão política, sempre esquecida pelos analistas de hoje: a recusa da Argentina e do Brasil de produzirem bombas atômicas. A diplomacia do átomo apresenta um capítulo feliz de confiança mútua entre os dois gigantes do Cone Sul: Argentina e Brasil. Garante, em certa medida, hoje, um capital político advindo de uma grande negociação de convivência com o vizinho, como fizeram, em proporções mais complexas, a França e a Alemanha, nos anos 1950.

Em segundo lugar, não se pode minimizar a elevação gradual do comércio intrassazonal, como fruto de decisões econômicas, sobretudo política, que moveram novas correntes de comércio. Se em 1991 o comércio no bloco estava em torno de 4,5 bilhões de dólares, os valores chegam a cerca de 40 bilhões nos últimos anos.

Em terceiro lugar, o Mercosul foi o experimento sub-regional que permitiu a internacionalização das empresas brasileiras, públicas e privadas. Foi o lócus em torno do qual se pode animar a movimentação dessas empresas para o entorno sul-americano, para a África e mesmo para a China e as economias tradicionais. O treino desse movimento importante para entender a internacionalização da economia brasileira foi promovido, em laboratório mais seguro, pelo Mercosul.

Há matéria pouco incluída nos balanços do Mercosul adulto, que é o impacto do processo de integração na interação das sociedades nos campos educacional e cultural. O bloco motivou um

## PRINCIPAIS DIFICULDADES DA INTEGRAÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

O quadro político e econômico dos países latino-americanos, nos fins do ano de 2013 e início de 2014, parece mais opaco que a visão relativamente otimista deste artigo. A América Latina, nos primeiros meses de 2014, enfrenta novas dificuldades, particularmente na América do Sul. Crescimento baixo do PIB da região, abaixo do crescimento global, e movimentações sociais e políticas que moveram grande parte das populações jovens nas ruas de São Paulo, Caracas e Buenos Aires, indicam dificuldades na melhoria do clima necessário ao progresso. Há claramente preocupações, em torno de aprofundamento de problemas que emergem na região.

Em primeiro lugar, o Brasil do governo Dilma terá pela frente uma difícil eleição, diante das dificuldades internas, na economia e na política, bem com em relação aos problemas de seus vizinhos. A Argentina, parceira recente da quadra democrática, particularmente depois da criação do Mercosul, está a exigir que o Brasil apoie a decisão do governo vizinho de dar novo calote em fundos de investimentos estrangeiros. Em segundo lugar, a Argentina, desde 2005, não tem crédito na praça e vai precisar voltar a pedir recursos do Fundo Monetário Internacional (FMI). A expectativa do mercado é de que, até dezembro de 2014, as reservas em moeda estrangeiras cheguem a US\$ 16 bilhões, o qual daria apenas para resolver a dívida interna. No momento essas reservas estão calculadas em torno de US\$ 28 bilhões. Mas as dívidas da Argentina com o Clube de Paris estão na ordem de US\$ 4 bilhões e cerca de US\$ 2 bilhões com fundos norte-americanos.

Essa matéria parece complicada para o Brasil, uma vez que o próprio país está sob o escrutínio das agências financeiras interessadas em saber se a presidente Dilma quer se juntar aos problemas argentinos. O fato de o Brasil demonstrar certa solidariedade ao parceiro do Mercosul coloca o governo Dilma em saia justa. Em terceiro lugar, a Venezuela, por sua vez, em chamas nos primeiros meses de 2014, divide a opinião pública do Brasil. Enquanto o governo mantém silêncio ativo em favor ao governo de Maduro, empresários brasileiros reclamam que os venezuelanos não pagam o que foi exportação de produtos brasileiros ao país vizinho. Um aprofundamento da violência na Venezuela, segundo mercado do Brasil hoje na região, depois da Argentina, contrai ainda mais os problemas das contas correntes e dos fluxos correntes com esses parceiros naturais na região sul-americana.

O caso argentino, no qual o Brasil parece se apresentar como *amicus curiae* do país austral, ao lado da crise de comércio com a Venezuela, podem degradar a própria expectativa de manutenção da nota do Brasil, de “estável” a “negativa”, nota original que vem sendo mantida pelas *ratings* internacionais, desde junho de 2013, particularmente pela Avaliação da América Latina da *Standard and Poor's*.

Em quarto lugar, há um país da América Latina que, na retomada gradual da economia norte-americana, vem demonstrando recuperação produtiva e apreciação positiva dos mercados. Foi esse o sinal da Conferência de Davos, na Suíça, no início de 2014. O acoplamento da economia mexicana, associado às reformas políticas que o novo presidente mexicano vem pondo em marcha, vem permitindo uma perspectiva mais positiva em relação aos países da América Central e do Caribe. Segunda economia da América Latina, o México parece retomar o que havia perdido nos últimos anos, a partir de 2008, na recuperação do tempo perdido. O crescimento econômico mexicano previsto para 2014 estaria acima do patamar dos 3% do PIB em relação ao ano anterior. E os investidores internacionais consagraram ao México o exemplo de fator de segurança para as inversões externas diretas.

Finalmente, mesmo o Chile, que volta a ser dirigido pela socialista Michele Bachelet, enfrenta dificuldades com a elevação de pressões sociais no caso da educação privada e cara, criticada pela juventude chilena, além de problemas de crescimento modesto. Seu governo deverá enfrentar desafios voltados para a melhor inserção do Chile nos programas de integração na própria América do Sul, embora muitos chilenos prefiram ampliação das relações econômicas e estratégicas com a Ásia, particularmente junto à região Ásia e Pacífico. Nessas linhas seguem os peruanos, mexicanos e colombianos.

Esses aspectos, entre outros, como o baixo crescimento econômico do Brasil previsto para o ano de 2014 e uma dura eleição com pressões populares no país em torno de mais ganhos sociais e segurança nas cidades e no campo, tornam a região sul-americana uma incógnita. Sua inserção positiva e altruísta nas oportunidades que advêm da retomada da economia chinesa e dos Estados Unidos da América ainda não é observada pelos fatos.

tam ser recuperados do nascimento do Mercosul, como as cadeias produtivas e ligadas ao mundo, além de uma educação cidadã e ética, consciente de que se devem formar cidadãos críticos da outra educação voltada para barrar o crime eleitoral dos usurpadores das possibilidades elevadas da região sul-americana. ■

importante trânsito de estudantes, professores e viajantes entre os países da região. Rompeu-se o isolamento cultural. Asseguraram-se reconhecimentos de diplomas na forma de protocolos. São circunstâncias societárias do processo de integração, aspectos complementares ao econômico, mas que agem no campo da afetividade. Isso é também política internacional.

### Desafios futuros

Em conclusão pode-se supor, mesmo que difícil a quadra de 2013 nos campos da economia e da política, alguma esperança na América do Sul. O crescimento modesto, o progresso adiado, a corrupção, a violência de suas grandes capitais,

a indolência gerada pelas políticas sociais de bolsas sem contrapartidas, a reação dos jovens de classe média que não mais suportam a baixa capacidade das elites políticas de apresentar um projeto de Estado normal, entre outros aspectos, são preocupantes; mas também desafiadores para as novas gerações que foram às ruas em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília em junho de 2013.

No entanto, a reposição dos interesses reais de suas populações, a reforma na política que reduza esse Estado do mal-estar, a melhoria da classe política, além de uma revigorada integração produtiva e competitiva na América do Sul, não são apenas uma quimera. Há elementos que necessi-